



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
CURSO DE PEDAGOGIA

ANDREINA AMANDA DE OLIVEIRA PIRES

**A RELAÇÃO ENTRE ADOECIMENTO DOCENTE E QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
EM ABAETETUBA-PARÁ**

ABAETETUBA - PA
2025

ANDREINA AMANDA DE OLIVEIRA PIRES

**A RELAÇÃO ENTRE ADOECIMENTO DOCENTE E QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
EM ABAETETUBA-PARÁ**

Trabalho de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Dr(a). Mariza Felipe Assunção

ABAETETUBA
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

Pires, Andreina Amanda de Oliveira.

A relação entre adoecimento docente e qualidade da
educação em Abaetetuba-Pará / Andreina Amanda de
Oliveira Pires. — 2025.
22 f.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Mariza Felipe Assunção
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba,
Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2025.

1. Adoecimento docente. 2. (Des) valorização
profissional. 3. Qualidade do ensino. I. Título.

CDD 370

ANDREINA AMANDA DE OLIVEIRA PIRES

**A RELAÇÃO ENTRE ADOECIMENTO DOCENTE E QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
EM ABAETETUBA-PARÁ**

Trabalho de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Dr(a). Mariza Felipe Assunção

Data de aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Mariza Felipe Assunção
Orientadora – UFPA

Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento
Examinador interno – UFPA

Prof. Vanessa Parente Ramos
Mestranda em Educação (PPGED/UFPA)

A RELAÇÃO ENTRE ADOECIMENTO DOCENTE E QUALIDADE DA EDUCAÇÃO EM ABAETETUBA-PARÁ

RESUMO: Este artigo investiga o adoecimento docente em uma escola de ensino fundamental em Abaetetuba. O objetivo central da pesquisa é analisar os fatores que contribuem para o adoecimento, compreendendo as causas e impactos na educação. A metodologia adotada tem como abordagem a pesquisa qualitativa e como tipo de pesquisa o estudo de caso. Na coleta de dados foi utilizado a entrevista semiestruturada, proporcionando uma compreensão das experiências das professoras. O roteiro das entrevistas abordou a satisfação no ambiente de trabalho, desafios diários, fatores de adoecimento e suporte institucional. Os resultados apontam que a desvalorização profissional, a falta de suporte emocional e as condições precárias de trabalho são os principais fatores que afetam a saúde física e mental das docentes, refletindo negativamente na qualidade do ensino. Nas considerações finais, reafirmam as necessidades das professoras de ter apoio dos profissionais da área da psicologia e orienta os gestores a serem mais presentes e participativos, concluindo assim a necessidade da implementação de políticas institucionais que valorizem e cuidem da saúde dos professores, desta forma sendo fundamental para garantir o bem-estar docente e a eficácia do processo educativo.

Palavras-chave: Adoecimento docente; (Des) valorização profissional; Qualidade do ensino

INTRODUÇÃO

A saúde mental e física do docente é fundamental para que ele tenha um bom desempenho em suas atividades profissionais, o bem-estar do professor é importante para se ter um ensino de qualidade. Quando um professor está adoecido devido a seu trabalho, ele passa a ter comportamentos prejudiciais que podem impactar negativamente no ambiente escolar, comprometendo também o ensino aprendido de seus alunos. Em vista desse cenário, este artigo dedica-se a analisar os fenômenos do adoecimento docente, focando em uma unidade escolar situada no município de Abaetetuba.

Existem relatos de adoecimento docente nas escolas do município de Abaetetuba. Diante disso, surgiram as seguintes indagações: Quais são as causas específicas do adoecimento docente no ensino fundamental em Abaetetuba? O adoecimento docente impacta a qualidade do ensino e no desempenho dos alunos na escola de ensino fundamental? Quais estratégias de prevenção do adoecimento docente que podem ser identificadas na escola do município de Abaetetuba?

A escolha da temática é profundamente pessoal. Ao longo da minha vida acadêmica ouvi relatos de professores com queixas de adoecimento devido à demanda da sua profissão. Outro fator importante para a escolha do tema, foi presenciar uma professora do ensino fundamental ter que ser afastada por adoecer no ambiente de trabalho. Além disso, durante a disciplina curricular de Estágio, no contexto da graduação foram recorrentes os relatos de docentes afastados e adoecidos tanto na escola que estagiei quanto nos relatos dos meus colegas de turma que compartilharam sua experiência de estágio em uma atividade da disciplina. Essas vivências despertaram a minha preocupação em relação à saúde e bem-estar dos educadores, visto que, tenho interesse futuramente seguir a profissão docente.

A pesquisa se mostra relevante no campo social, contribuindo para despertar a atenção para as condições de trabalho dos professores no município, assim instigando debates para promover ações voltadas ao bem-estar dos docentes, já que adoecimento desses profissionais impacta diretamente na qualidade da educação. A pesquisa contribui também para o reconhecimento da docência como uma profissão marcada por exigências intensas, que afetam diretamente a saúde física e mental dos educadores. Segundo Reis (2014), refletir sobre como o trabalho docente se configura é essencial para compreendermos as relações complexas que se estabelecem no ambiente escolar e como essas relações influenciam a saúde dos profissionais da educação. Desta forma, este artigo atua como instrumento de conscientização para a comunidade escolar, gestores, órgãos educacionais e sociedade em geral, contribuindo para o fortalecimento de uma cultura de cuidado com os profissionais da educação.

Academicamente essa pesquisa contribui para o conhecimento, trazendo a compreensão dos desafios enfrentados pelos professores em Abaetetuba, visto que embora existam estudos sobre a saúde do professor em nível nacional, ainda são escassas as investigações no contexto específico do município, assim colaborando com dados para futuros estudos na área da educação, pois este trabalho também contém uma base teórica forte para as pesquisas futuras. A valorização do conhecimento produzido localmente fortalece a construção de uma educação mais justa, sensível às realidades diversas enfrentadas pelos professores.

No aspecto educacional a investigação do impacto do adoecimento docente na qualidade da educação pode contribuir para que se tenha um olhar mais humanizado e uma maior preocupação com a saúde desses profissionais, assim

fazendo com que haja a valorização da profissão, compreender essa realidade contribui para reconhecer o professor não apenas como transmissor de conteúdo, mas como sujeito integral, com necessidades emocionais, sociais e profissionais.

A pesquisa tem como objetivo geral, analisar o fenômeno do adoecimento docente, compreendendo as suas causas, impactos no processo educacional na escola do município de Abaetetuba. Para alcançar esse objetivo, a presente pesquisa buscou investigar os fatores que contribuem para o adoecimento docente; avaliar os impactos do adoecimento docente na qualidade do ensino e nos desempenhos dos alunos no ensino fundamental e identificar estratégias de prevenção do adoecimento docente na escola de ensino fundamental na unidade escolar na cidade de Abaetetuba.

A pesquisa foi realizada em uma escola no município de Abaetetuba, localizado às margens do rio Marataúira, situado no estado do Pará. Segundo o censo demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), Abaetetuba está com uma população estimada em 158.188 habitantes e o município contém 185 escolas de ensino fundamental, incluindo estradas e ilhas. A escola investigada possui 233 matrículas e 15 professores. Essa unidade de ensino atende turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, com funcionamento nos turnos da manhã e da tarde. Para preservar a privacidade da escola, o nome e o endereço não foram divulgados.

Os sujeitos da pesquisa foram três professoras da escola, que foram identificadas pelas letras do alfabeto A, B e C para garantir o anonimato que foi informado às participantes no momento da entrevista. A primeira professora tem 44 anos, é graduada em licenciatura em história e leciona no ensino fundamental na função de professora regente há 23 anos, na pesquisa, ela foi identificada como professora A.

A segunda professora, identificada como professora B tem 48 anos, é graduada em licenciatura em ciências naturais e leciona 23 anos no ensino fundamental, porém ela teve que ficar afastada 3 anos para tratamento por adoecer devido ao seu ambiente de trabalho e ao retornar foi lotada apenas para a sala de leitura.

A terceira professora, identificada como professora C, tem 43 anos, é graduada em pedagogia, tem especialização em psicopedagogia e 23 anos de profissão no ensino fundamental, além de professora já esteve à frente da coordenação da escola.

As três entrevistadas possuem, essencialmente, o mesmo tempo de atuação na docência, uma vez que foram aprovadas no mesmo concurso público e assumiram seus cargos com uma diferença de apenas alguns meses entre si. As professoras A e C foram escolhidas pela sua disponibilidade para a pesquisa, já a professora B foi indicada pela A, em razão ao seu histórico com o tema da pesquisa, que é o adoecimento docente devido ao ambiente de trabalho.

Esta pesquisa tem como predominância a abordagem qualitativa, segundo Chizzoti (2006, p.27) a abordagem qualitativa “segue para descobrir ou comprovar uma verdade, coerente com sua concepção da realidade e sua teoria de conhecimento”. Desta forma a abordagem qualitativa permite explorar as causas e impactos do adoecimento docente na escola e investigar se a escola já adotou alguma estratégia para a prevenção de adoecimento no âmbito escolar.

O levantamento bibliográfico foi realizado para o embasamento teórico, fornecendo conhecimento científico, trazendo soluções eficazes para o problema, auxiliando na coleta de dados e na análise das informações. O levantamento foi conduzido por meios de artigos e livros científicos sobre o tema em questão, pois de acordo com Gil (2008, p. 35) “Um problema será relevante em termos científicos à medida que conduzir à obtenção de novos conhecimentos. Para se assegurar disso, o pesquisador necessita fazer um levantamento bibliográfico da área, entrando em contato com as pesquisas já realizadas”

O estudo de caso foi desenvolvido para investigar detalhadamente a escola da rede municipal, conforme Gil (2008, p. 58) “estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.”

A modalidade que responde ao problema posto é a pesquisa de campo, pois busca investigar o adoecimento em um contexto específico, coletando diretamente os dados para uma melhor análise das condições de trabalho, as interações das docentes com o ambiente de trabalho e o impacto do problema na qualidade do ensino e no desempenho dos alunos. Segundo Gil (2008) a pesquisa de campo busca um aprofundamento maior das questões propostas, estudando um único grupo ou comunidade, ressaltando a interação dos seus componentes.

Utilizou a observação não participante simples como instrumento de coleta de dados que de acordo com Gil (2008) a observação simples permite obter elementos

para definir os problemas de pesquisa, além disso favorece a construção de hipóteses e facilita a obtenção de dados sem suspeita dos sujeitos da pesquisa. A observação permitiu identificar no cotidiano das docentes uma carga emocional evidente nas interações com os alunos, além disso, a falta de suporte emocional e falta de formação continuada foi um dos fatores relevantes para a contribuição dos desafios diários.

Para a coleta de dados foi aplicada uma entrevista semiestruturada com os sujeitos da pesquisa, contendo um roteiro com 13 perguntas abertas que possibilitaram que as professoras relatassem suas experiências, desafios e percepções sobre o adoecimento docente.

Para a análise dos dados foi utilizado a análise qualitativa aplicando a técnica descritiva, que explora as percepções e opiniões das participantes, apresentando os dados de forma clara e detalhada. As entrevistas foram transcritas e examinadas para identificar padrões, categorias e temas relacionados aos objetivos da pesquisa, permitindo uma compreensão aprofundada dos desafios enfrentados pelas professoras e das estratégias adotadas para enfrentar o adoecimento docente.

Assunção (2009), discute a intensificação do trabalho docente e as condições de trabalho, Codo (1999) explica sobre o Burnout e os prejuízos para a educação, Esteve (1999) comenta sobre o mal-estar docente, Do Vale e Aguilera (2016) escrevem sobre o estresse dos professores de ensino fundamental.

Apesar desses autores contribuírem significativamente para o debate sobre condições de trabalho, saúde dos professores, estresse, problemas vocais, fadiga, as doenças osteomusculares, síndrome de burnout e afastamento dos professores, estes autores não discutem sobre o adoecimento docente no contexto específico do município de Abaetetuba e nem investigam as consequências no cotidiano escolar local e é esse ponto que está pesquisa buscou compreender.

Para melhor compreender o adoecimento docente e seus impactos no processo educacional na escola do município de Abaetetuba, este artigo está estruturado em três seções principais. A primeira seção apresenta uma discussão teórica sobre o fenômeno do adoecimento docente, abordando fatores sociais, institucionais e emocionais que contribuem para o desgaste físico e mental dos professores, com base nos principais autores da área. A segunda seção trata da análise da realidade de uma escola municipal localizada em Abaetetuba, a partir de entrevistas com professoras da instituição, destacando suas vivências, desafios enfrentados e estratégias utilizadas para lidar com o adoecimento. Por fim, a terceira

seção discute os impactos do adoecimento docente na qualidade do ensino, evidenciando como essa realidade afeta diretamente a aprendizagem dos alunos apontando as sugestões dos professores para a promoção de um ambiente escolar mais saudável e acolhedor para os profissionais da educação.

1. ADOECIMENTO DOCENTE

A situação em que os professores se encontram atualmente são reflexos das mudanças que vem acontecendo ao longo do tempo. Rocha (2017, p.9) afirma que “O descompromisso de governos com a educação pública em geral e particularmente com os professores é vetor de adoecimento, por isso leis, decretos e portarias se esvaziaram em um contexto de trabalho docente sem as condições preventivas do adoecimento.” Esse descompromisso acaba desvalorizando a profissão docente.

O professor que deveria ser visto como mediador do conhecimento, assume a responsabilidade de formar trabalhadores para o mercado de trabalho e a escola também “adquire a nova função de formar trabalhadores.” (Francelino,2003, p.136). Com isso os professores têm que trabalhar com prazos curtos e com objetivos a serem alcançados, além de atender as expectativas de agente transformador, levando-o a um estresse causado pela pressão e sobrecarga de trabalho, Paschoalino (2009), afirma que o professor sente o peso da cobrança e o mal-estar docente, é uma realidade que passa a ser questionada e analisada por diversos autores na contemporaneidade.

A falta de reconhecimento, a desvalorização e a perda do significado social levam o trabalhador a um estado de angústia e frustração e, conseqüentemente, ao adoecimento. A carga de trabalho em uma profissão [...] deve ser compreendida sob dois aspectos: a carga física suportada pelo corpo e a carga mental que o autor propõe separar em um referencial específico os elementos afetivos e relacionais ao qual chamou de carga psíquica do trabalho (Forattini; Lucena, 2015, p. 39-40)

Umas das condições precárias que o professor tem que lidar é remuneração docente, tendo que ter jornadas duplas para suprir suas necessidades e com isso acaba tendo um esgotamento, assim afirma Esteve (1999, p.57) “O “esgotamento” apareceria como consequência do “mal-estar docente”, sendo correspondente a este último termo na amplitude daquilo a que se refere, pois viria designar o conjunto de consequências negativas que afetariam o professor”.

Em relação aos espaços escolares para a contribuição do adoecimento docente, Pereira (2020) afirma que:

Numa visão mais ampla e particular dos espaços escolares, pode-se evidenciar que a educação enfrenta, hoje, precariedade do ambiente físico, grande número de alunos por salas, baixa remuneração dos docentes, excesso de trabalho, políticas educacionais em desacordo com as reais necessidades das escolas, entre outras. E tudo isso têm refletido sobre a saúde do docente (p.64)

O professor acaba também adquirindo problemas vocais por conta das jornadas duplas, já que tem que utilizar sua voz o tempo todo, sobre esse problema Silva et al (2016, p.2) declara que “O professor é o profissional da voz mais investigado na área de voz e mais suscetível a distúrbios da voz, devido à multifatorialidade, característica do seu contexto de trabalho. Existe um grande número de professores que apresentam relatos de distúrbio de voz em algum momento da sua vida.” Além dos problemas vocais os professores acabam adquirindo distúrbios osteomusculares já que passam parte do seu tempo planejando aulas e lidando com questões administrativas.

O professor, além de ensinar, deve participar da gestão e do planejamento escolares, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende às famílias e à comunidade. Embora o sucesso da educação dependa do perfil do professor, a administração escolar não fornece os meios pedagógicos necessários à realização das tarefas, cada vez mais complexas. (Assunção, et al 2005, p.3)

A intensificação do trabalho docente é apontada como um dos fatores mais recorrentes no adoecimento dos professores. Assunção e Oliveira (2009) afirmam que o professor que realiza um trabalho excessivo coloca a sua vida em risco de adoecimento, pois a intensificação do trabalho deixa a sua saúde mais fragilizada e tornando-a mais vulnerável a doenças físicas e mentais.

Os professores além de lidar com a falta de recursos para a realização das suas atividades, com a pressão em relação as expectativas que tem que atender sobre o seu trabalho, o salário baixo, jornadas duplas, infelizmente ainda tem que lidar com a violência na escola, “Na escola pública também é muito comum existir problemas de violência de alunos em relação aos professores e, somando isto aos fatores descritos anteriormente, tem-se as condições que tornam o estresse cada vez mais comum entre os professores” (Do Vale; Aguilera 2016, p.2).

Esse estresse, frustração que os professores adquirem por conta do seu trabalho contribuem para o estado de adoecimento, fazendo com que o docente tenha

que se afastar de suas atividades, enfrentando as consequências. Essas consequências negativas, afetam também o ambiente escolar e se não controlada afeta todo o contexto educacional.

Compreender os impactos do adoecimento docente é fundamental, visto que um professor adoecido repercute diretamente na qualidade oferecida aos alunos. De acordo com Do Vale e Aguilera (2016, p.91) “Uma instituição escolar que valoriza o professor terá como consequência uma melhoria significativa na qualidade do ensino, visto que professores motivados ensinam melhor e se relacionam melhor com os alunos”. Porém as escolas que não se preocupam com a saúde do docente enfrentam problemas:

Quando a escola é motivo de constante frustração para o docente as consequências tendem a ser negativas. Ocorrendo a frustração, a impossibilidade de atingir metas ou objetivos pessoais, gera-se o estresse e outros comportamentos negativos como a agressão, a fuga, a esquiva (faltas, absenteísmo, doença), persistência em respostas inoperantes, desvio de atenção e de compromisso, negação do fato, mudanças constantes de plano de ação e de estratégia, falta de adesão ao projeto pedagógico, crítica pela crítica, oposição descabida etc. (Witter 2003, p.35)

Codo (2006) comenta que os professores adoecidos mentalmente passam a desenvolver atitudes negativas, fazendo críticas aos alunos, comportamentos como cinismo e dissimulação afetiva, apresentando uma despersonalização, não tendo mais a noção de que está lidando com outro ser humano, atribuindo o fracasse de seu trabalho aos alunos.

O professor que apresenta características citadas pelos autores acima, como por exemplo, comportamentos de despersonalização, falta de interesse pelo trabalho e exaustão emocional estão acometidos com o Burnout. Para Codo e Vasques - Menezes (1999, p.2) Burnout “É uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil.”

O professor que está com a síndrome impacta negativamente no ambiente escolar, o professor começa a não se importar mais com o seu trabalho, e a “falta de envolvimento pessoal no trabalho tendência de uma ‘evolução negativa’ no trabalho, afetando a habilidade para realização do trabalho e o atendimento, ou contato com as pessoas usuárias do trabalho, bem como com a organização.” (Codo; Vasques - Menezes 1999, p.3)

A síndrome também faz com que o professor tenha uma frieza em seus sentimentos, não tem nenhum tipo de relação com seus colegas de trabalho e nem se importa com seus alunos, e o conhecimento não é transmitido de forma adequada. Codo e Vasques (1999, p.31) explica que “Por um lado, o professor torna-se incapaz do mínimo de empatia necessária para a transmissão do conhecimento e, de outro, ele sofre: ansiedade, melancolia, baixa autoestima, sentimento de exaustão física e emocional.”

Um dos impactos que esses sintomas trazem para a educação é o afastamento do professor que não consegue lidar com as doenças por conta da condição de trabalho a que são submetidos, Pereira (2020) afirma que através de suas pesquisas, chegou à conclusão de que o afastamento e adoecimento dos professores do ensino fundamental, tem sido recorrente, com destaques para o transtorno de pânico, ansiedade, episódios de depressão, mal-estar e fadiga.

Essa recorrência do afastamento dos professores é um problema grave para a sociedade como um todo, visto que o professor é uma peça fundamental e crucial para o sistema educacional, é por meio dele que os alunos adquirem todo o conhecimento e sem eles impactará diretamente na aprendizagem dos alunos, trazendo resultados negativos em relação ao seu desempenho e desorganização no âmbito escolar.

Diante desse cenário, é fundamental discutir estratégias de prevenção ao adoecimento docente. Muitas vezes o professor não participa das tomadas de decisões da escola, só tendo o conhecimento do que foi decidido quando ter que pôr em prática o que foi planejado, assim o professor passa a se sentir desvalorizado. Em vez do professor ser apenas o receptor, ele precisa participar dos planejamentos escolares, deve se ter uma gestão participativa, assim dando o devido “apoio aos profissionais para maior empoderamento e melhor enfrentamento dessas situações adversas.”. (Do Vale; Aguilera 2016, p.87)

Os gestores escolares precisam dar atenção a equipe de professores, deve se ter a noção de como o professor se sente ou se comporta em seu trabalho, e fazer com que aquele profissional se sinta valorizado e acolhido no ambiente de trabalho. Do Vale e Aguilera (2016, p.87) confirma “um exemplo deste tipo de trabalho são os grupos de apoio psicológico junto aos professores, que parecem ser uma estratégia viável na intenção de promover a saúde do professor e seu protagonismo frente às condições que enfrenta”.

Witter (2003) esclarece a necessidade de conhecer melhor as condições em que o professor trabalha, quais os motivos que podem causar estresse, se o ambiente de trabalho é viável para o docente, e após essa análise que deve ser realizado um planejamento para se criar estratégias de prevenção e intervenção eficientes, porque sem os conhecimentos necessários é inviável criar estratégias para o problema.

Se os professores apresentarem sintomas de estresse, desânimo, ansiedade:

São necessárias ações que possam ser gerenciadas dentro do contexto escolar, tendo como agente mediador o psicólogo. Estima-se que essas ações, focadas em tentar diminuir o grau de ansiedade de professores em relação às problemáticas que vivenciam no ambiente escolar, podem proporcionar ganhos significativos à saúde ocupacional e qualidade de vida no trabalho da categoria. E, ao melhorar as condições de trabalho e saúde do professor, há repercussão direta na qualidade da educação, já que o professor é um profissional fundamental para a melhoria da educação no país. (Do Vale; Aguilera 2016, p.88)

Dessa forma, Pereira (2020) afirma que o professor precisa ser incentivado, tanto no aspecto da remuneração como no apoio da escola e da família dos alunos, é necessário também que tenha materiais didáticos, apoio pedagógico e um ambiente propício para aprendizagem para que o professor exerça sua prática com competência e sem riscos à sua saúde. O professor precisa desse apoio, para que se haja a prevenção do adoecimento docente, e o professor não tenha que se afastar de seu trabalho, assim diminuindo partes dos problemas que acontecem na educação.

2. AS ESPECIFICIDADES DO ADOECIMENTO DOCENTE EM UMA UNIDADE DE ENSINO EM ABAETETUBA

Esta seção apresenta as especificidades relacionadas ao adoecimento docente observadas na escola onde foi realizada a pesquisa, fundamentando-se nas entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa acima citados.

A escola em questão atende 233 estudantes, distribuídos em 10 turmas (cinco no turno matutino e cinco no vespertino), contando com um quadro de 15 professoras. A estrutura física está distribuída em dois pavimentos: o primeiro andar possui duas salas de aula, secretaria, direção, coordenação, sala dos professores, copa, salão, sala de leitura e banheiros; o segundo andar abriga três salas de aula e um auditório. O acesso ao segundo andar se dá por meio de uma escada antiga, que apesar de contar com tapetes antiderrapantes, ainda apresenta riscos devido à sua má estruturação, demandando atenção redobrada para a segurança dos usuários.

As professoras entrevistadas compartilharam suas experiências profissionais e as condições do ambiente de trabalho, evidenciando tanto aspectos positivos quanto os desafios enfrentados diariamente, que impactam diretamente em sua saúde mental e física.

Satisfação Profissional e Desafios Diários

Inicialmente as entrevistadas relataram sobre sua experiência como professoras de ensino fundamental. A professora B deixou claro seu amor por sua profissão e sua gratificação ao ver seus ex-alunos tendo um crescimento pessoal e profissional. “Amo a minha profissão, quando se faz o que gosta o trabalho é relevante, onde compartilho o saber com os alunos do meu município. É gratificante ver o crescimento pessoal e social de um aluno que passou por sua mão.” (Professora B)

As professoras A e C comentaram que tem experiências positivas, apesar de todos os desafios que enfrentam em sua profissão, os objetivos de ambas é passar o conhecimento aos alunos, mesmo com as dificuldades presentes, “muitas vezes a falta de recursos impede a nossa didática, e para encontrar formas de trabalhar as atividades com os alunos é um pouco mais complicado, é necessário um esforço maior e formular estratégias para conseguir algum avanço”. (Professora A)

Ser professora sempre foi um desafio, é necessário fazer a diferença e marcar positivamente na vida de todos ou até mesmo de um aluno. É uma grande troca de experiências entre mim e meus alunos. Ir em busca do maior objetivo que é o de ensinar e aprender de acordo com a individualidade e realidade de cada aluno. (Professora B)

Ao serem questionadas sobre como se sentem em relação às condições do seu trabalho, as três professoras expressaram percepções semelhantes, demonstrando satisfação moderada. Todas mencionaram questões recorrentes como a desvalorização, ausência de formação continuada, descaso com a saúde mental, falta de suporte pedagógico, entretanto a professora C acrescentou a falta de participação das famílias na escola, “muitas vezes os pais dizem que não tem tempo para as tarefas de casa, as crianças chegam com o dever de casa em branco e isso dificulta o nosso trabalho”. A falta de estrutura escolar foi outro ponto citado pela

professora, “não temos um espaço adequado para realizar atividades diferentes, ficamos limitadas”.

A professora B destacou que “a luta é constante para estimular o aluno que não quer estudar, precisamos está sempre buscando formas para fazer isso, visto que a escola não tem orçamento então só fazemos o que está no nosso alcance”. A professora C destacou a falta de tempo com a família e os filhos por conta de seu trabalho, “de certa forma levamos muitas vezes o nosso trabalho para casa, na escola não há tempo para planejar e organizar tudo.” Nas falas das professoras é evidente o fenômeno da intensificação do trabalho docente caracterizado pelo acúmulo de funções, pela extensão das atividades escolares para além do espaço físico da escola. A necessidade de buscar estratégias para motivar os alunos, mesmo diante da ausência de recursos, e o fato de levar trabalho para casa, comprometendo o convívio familiar, são indicativos de um cenário em que o professor é pressionado a manter sua produtividade sem o devido suporte institucional. Assunção (2013) afirma que:

O percentual da frequência em que as atividades extraclases ocorrem não nega o grau da intensificação do trabalho vivenciada pelo professor, por mais que este não verbalize tal intensificação (o entendimento de que a acumulação de tarefas é algo produtivo), ou a faça de forma muito tímida (reconhecimento de que essas atividades não são remuneradas); atitude própria da falta de visão crítica sobre o seu trabalho e do controle ideológico do Estado sobre a sociedade, a escola e o professor. (p.165)

Dessa forma, percebe-se que o professor, além de lidar com a sobrecarga de trabalho, enfrenta também uma pressão explícita para manter a produtividade, mesmo sem as condições adequadas. Essa realidade contribui para um desgaste físico e emocional que afeta diretamente sua qualidade de vida e o exercício da docência. A ausência de tempo para planejar, o comprometimento da vida pessoal e a falta de reconhecimento por essas atividades revelam um cenário de precarização do trabalho docente

Fatores de Adoecimento

Ao analisar as entrevistas foi identificado que um dos fatores específicos e mais citados pelas professoras é a desvalorização, principalmente por conta da carga excessiva de trabalho e pela remuneração baixa. Professora A “desvalorização é o

principal fator, porque eles não pagam o que deveria ser pago e dentro do espaço escolar eles não valorizam o professor, a valorização é apenas aparência, só valorizam na teoria e não na prática”.

A professora A também revelou que a falta de recursos pedagógicos faz com que tenham um trabalho maior “se quisermos realizar uma atividade mais lúdica o dinheiro tem que sair do nosso bolso, ou fazer rifas, bingos e isso dá um trabalho maior”. O relato da professora A, revela as dificuldades enfrentadas pelos docentes em relação às condições de trabalho, especialmente no que diz respeito à falta de recursos pedagógicos adequados. A necessidade de recorrer a recursos próprios, como o uso do próprio dinheiro ou a organização de rifas e bingos, demonstra a precarização das condições materiais nas escolas. Essa situação amplia a carga de trabalho do professor, que precisa se dedicar a atividades extras para tornar possível o ensino de qualidade para os alunos.

A professora C citou outro fator, a cobrança que os professores enfrentam por parte dos pais, que acabam despertando o estresse, visto que os professores que lidam com as reclamações. A professora A também comentou sobre esse tipo de stress “dá uma frustração quando tem algum problema com os alunos e nós temos que resolver, a coordenação só resolve quando é algo bem mais grave, e mesmo assim ainda é raro, porque os pais sempre procuram os professores”

A professora C também reclamou da estrutura do ambiente escolar, já que são salas pequenas que não aguentam a quantidade de alunos, as escadas são perigosas tanto para os professores quanto para os alunos, assim a atenção e a preocupação com os alunos têm que ser redobrada, causando um certo cansaço “até mesmo no intervalo, a gente sempre tem que estar atenta a tudo, o risco dos alunos caírem e se machucarem é grande, então não ficamos com tempo para descansar mesmo estando no intervalo”

A professora B pontuou exatamente os fatores que contribuíram para seu adoecimento “Já tive depressão e por esse motivo tive que me afastar por um período da sala de aula, fiz três anos tratamento e até hoje faço acompanhamento psicológico. O estresse, a carga de trabalho foram os pontos específicos que me fizeram adoecer.”

Suportes da Instituição Escolar e Estratégias de Enfrentamento Pessoal

Foi perguntado às professoras se a escola oferece algum suporte ou têm algum programa de prevenção para que as professoras possam ter condições de lidar com o stress ou com problemas emocionais e assim prevenir o adoecimento, a professora C e A responderam que não têm nenhum tipo de acompanhamento, “nesse aspecto a escola deixa a desejar, pois os docentes não recebem capacitações e orientações emocionais para lidar com os desafios do dia- a - dia referente a preservação da saúde mental.” (Professora A)

Já a professora B mencionou que só teve um apoio após o retorno de seu afastamento por conta de sua doença, onde a gestão fez sua lotação para a sala de leitura onde é mais tranquilo.

Hoje posso dizer que estou feliz na função que exerço, devido ao meu problema de saúde, estou lotada na sala de leitura foi o único suporte por parte da direção da escola. Onde eu faço um trabalho diferenciado com os alunos que ali atendo. É uma quantidade menor de alunos, assim não fico tão esgotada mentalmente e nem fisicamente. (Professora B)

Todas as professoras relataram a ausência de suporte emocional e de orientações institucionais para enfrentar os desafios diários. Até mesmo a professora que já esteve com depressão busca acompanhamento por conta própria para manter sua saúde mental intacta e as outras professoras buscam estratégias pessoais de enfrentamento para lidar com o estresse.

As estratégias que pratico é saber separar a vida pessoal do profissional, ter consciência de poder desenvolver um bom trabalho que venha surtir efeito de forma positiva na vida do discente, porém não deixar as dificuldades em sala repercutir na minha vida profissional. Tenho que planejar minhas aulas, porém não dedicar todas as minhas horas fora da escola apenas pensando no trabalho. (Professora A)

As respostas das professoras A, B e C são semelhantes quanto as estratégias, visto que as três tentam separar família e trabalho ao máximo. A professora A comentou “tento ao máximo separar o meu trabalho da vida pessoal, não trazer os problemas que correm no trabalho para a minha vida pessoal, já que algumas situações são esgotantes”. Já a professora B respondeu “hoje já consigo lidar com situações de maneira mais equilibrada. Separar trabalho e família, antigamente o

estresse do trabalho me fazia mal. A professora C mencionou “eu até tento ao máximo separar mais as vezes não tem muito o que fazer”.

Portanto, a ausência de políticas institucionais de apoio tem levado as docentes a desenvolverem, de forma autônoma, estratégias individuais de enfrentamento. Caso essas estratégias não fossem adotadas, provavelmente os impactos sobre a saúde mental seriam ainda mais graves, como no caso da professora B, que precisou de acompanhamento psicológico após adoecer em decorrência do estresse ocupacional. A professora B atualmente conseguiu se recuperar e se restabelecer por conta de sua busca pessoal por tratamento e atualmente já consegue conciliar um pouco mais trabalho e vida pessoal como as suas colegas de trabalho tentam fazer.

3. SAÚDE DOCENTE E QUALIDADE DO ENSINO: Uma relação necessária?

Impactos no Desempenho Escolar

Durante as entrevistas realizadas, foi perguntado às professoras se o adoecimento docente influencia na qualidade do ensino e no desempenho dos alunos da escola. Todas confirmaram que sim, relatando experiências concretas vividas no cotidiano da instituição.

“O adoecimento do professor pode impactar e refletir de forma negativa, quando um professor não está bem, ele não consegue ter a paciência que se deve ter com os alunos principalmente do ensino fundamental, essas crianças criam um vínculo com a gente. Quando estou em sala de aula tenho que ser, psicóloga, médica, tenho que entender a realidade do meu aluno para poder ensinar, se estou esgotada mentalmente não vou conseguir dar atenção aos meus alunos e não vou saber quem de fato está aprendendo ou não, não irei ajudá-lo assim prejudicando no seu aprendizado.” (Professora A)

A professora A acrescentou que, mesmo em situações pontuais, como quando está com dor de cabeça ou gripe, já percebe uma queda no seu desempenho em sala de aula. Segundo ela, se esses sintomas leves já impactam sua atuação, um adoecimento mais sério comprometeria ainda mais sua capacidade de ensinar, afetando diretamente a qualidade do ensino e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos.

A professora C relatou um caso ocorrido na própria instituição, no qual uma docente foi afastada após episódios de estresse extremo que afetaram sua conduta em sala de aula e, conseqüentemente, o desempenho e o bem-estar dos alunos:

Infelizmente muitos profissionais estão doentes, esgotados fisicamente e mentalmente da rotina da sala de aula. E isso vem impactando negativamente na formação do aluno. O professor além de ensinar ele tem que ter a certeza de que o aluno está aprendendo. Infelizmente uma professora foi afastada por não conseguir dar atenção que os alunos precisavam, certa vez um aluno foi prejudicado por ouvir da professora que o mesmo só servia para atrapalhar a aula e os amigos, tivemos que conversar com os pais do menino e a professora foi afastada por outros relatos. Ela já não conseguia mais ensinar queria apenas dar sua aula e ir embora. (Professora C)

As professoras concordaram que o adoecimento docente tem repercussões negativas no desempenho escolar dos alunos. A falta de bem-estar dos professores foi identificada como um obstáculo para o pleno desenvolvimento das atividades educacionais, evidenciando a interligação entre o estado emocional dos docentes e o progresso dos alunos.

Sugestões para a Melhoria e Prevenção

Questionadas sobre quais medidas poderiam contribuir para a prevenção do adoecimento na escola, todas as docentes sugeriram ações que, se implementadas, poderiam transformar positivamente o ambiente escolar.

Um dos principais suportes seria a presença e colaboração de uma psicóloga dentro do espaço escolar para promover um ambiente escolar mais saudável e formações voltadas para saúde mental e emocional. Poderia ter também conversas mais frequentes entre equipe pedagógica e os professores, para discutir os problemas de sala de aula, assim buscando soluções coletivas, já ajudariam muito (Professora A)

Hoje muitos profissionais docentes estão adoecendo psicologicamente, por várias situações de trabalho. A depressão é o maior índice, portanto as secretarias de educação deveriam promover palestras e cursos na área de como lidar com situações psicológicas. Eu estou buscando acompanhamento por conta própria, mas com a remuneração baixa que nós temos, muitos não podem ter as mesmas condições. Cada professor tem a sua necessidade. (Professora B)

A professora C também reforçou a importância de diálogo contínuo, escuta ativa e melhorias nas condições de trabalho, incluindo melhor remuneração e divisão mais equilibrada de tarefas pedagógicas. A sobrecarga, segundo ela, é um dos fatores mais evidentes do esgotamento dos profissionais da escola. As professoras A e C se sentem sobrecarregadas por conta do seu trabalho e é notório em suas falas necessidade de orientação para lidar com os desafios dos alunos e de poder compartilhar mais as tarefas.

Atualmente, apenas a professora B relata sentir-se um pouco mais amparada. Após seu afastamento médico, foi remanejada para a sala de leitura, onde lida com menos alunos e uma rotina mais tranquila. “Hoje estou na sala de leitura, e isso me ajuda muito. Ali o ambiente é mais calmo, consigo trabalhar de forma mais leve. Foi a única forma de apoio que recebi da gestão após meu adoecimento.” (Professora B)

A professora B apresenta maior tranquilidade por estar na sala de leitura. Foi nítido em suas falas que ela não tem interesse e nem condições de voltar a ministrar aulas nas outras turmas, visto que ela mencionou que na sala de aula enfrenta muitos estresses diários e prefere lidar com uma quantidade menor de alunos.

Essa realocação da professora B para a sala de leitura, não reflete uma política institucional clara. A ausência de ações sistemáticas de prevenção e cuidado com a saúde docente é evidente. Diante disso, as professoras da unidade desenvolvem estratégias individuais para tentar equilibrar as exigências da profissão com sua saúde mental.

Desta forma, fica evidente que o bem-estar emocional e físico do docente não é apenas uma questão individual, mas uma condição essencial para garantir um ensino de qualidade. A ausência de apoio por parte da instituição, acaba comprometendo tanto o desenvolvimento dos professores quanto o ensino de qualidade para os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar e analisar as entrevistas, observou-se que as professoras têm experiências positivas no seu trabalho, porém há descontentamentos em suas atividades profissionais. As professoras têm a necessidade de um envolvimento maior da gestão escolar para ajudar a lidar com os problemas dos alunos que são frequentes na escola e que geram estresse e frustração nas professoras. A gestão precisa ser uma gestão participativa na qual a gestora da escola deve estar atenta em todos os setores da escola.

A partir dos dados coletados é possível perceber que a escola necessita de profissionais para realizar acompanhamento psicológico institucionalizado, uma vez que as docentes expressam sentimentos sobrecarga durante o cotidiano no ambiente escolar. Todas se sentem desvalorizadas e as professora A e C dão ênfase ao seu

descontentamento quanto a remuneração e a estrutura da escola que também é motivos de estresse diários devido ao risco para as crianças, o que exige constante vigilância das professoras. Além disso as salas lotadas dificultam no ensino das professoras e deve-se levar em conta que um desses motivos contribuíram para o adoecimento de duas docentes da escola, porém uma delas conseguiu retornar ao seu trabalho, entretanto apenas na sala de leitura e não em sua antiga lotação.

As estratégias para o enfrentamento adotadas pelas professoras são insuficientes diante aos desafios enfrentados e ausência de acompanhamento psicológico é preocupante devido aos afastamentos que já tiveram na escola. A escola não tem nenhuma estratégia para cuidar da saúde dos docentes ativos na escola ou pelo menos amenizar os impactos frustrantes que as professoras enfrentam em seu trabalho. Deveria haver intervenções e orientações eficazes para ajudar na rotina das professoras.

Diante dessas conclusões, recomenda-se a implementação de políticas que valorizem os professores, reconhecendo sua importância fundamental para o desenvolvimento da sociedade. A promoção de ambientes de trabalho saudáveis, a oferta de suporte emocional e a valorização da formação contínua são passos essenciais para reverter o quadro atual de adoecimento docente presente na escola.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; BARRETO, Maria Sandhi; GASPARINI, Sandra Maria. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde**. Educação e pesquisa, v. 31, p. 189-199, 2005.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Intensificação do trabalho e saúde dos professores**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 30, ed. 107, p. pp.349-372, 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v30n107/03.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.

ASSUNÇÃO, Mariza Felipe. **O Mito da virtuosidade da avaliação: trabalho docente e avaliações externas na educação básica**. Tese (Doutorado em Educação) - Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é burnout. **Educação: carinho e trabalho**, v. 2, n. 1, p. 237-254, 1999.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 4ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DO VALE, Paula Cristina Santos; AGUILLERA, Fernanda. **Estresse dos professores de ensino fundamental em escolas públicas: uma revisão de literatura**. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, v. 5, n. 1, 2016.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FRANCELINO, S. M. R. L. **As transformações do mundo do trabalho e a atividade docente**. In: LEÃO, I.B. Educação e psicologia: reflexões a partir da teoria sócio-histórica. Campo Grande: Editora UFMS, 2003. p. 121-144.

FRATTINI, Cristina Damm; LUCENA, Carlos. **Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho**. Laplage em Revista, v. 1, n. 2, p. 32-47, maio/ago. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/abaetetuba.html>. Acesso em: 19 jun. 2025.

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz. **O Professor Desencantado: Matizes do Trabalho Docente**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2009.

PEREIRA, Leandro Queiroz. **ADOCIMENTO E AFASTAMENTOS DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM PATOS DE MINAS, MG: 2018 A 2019**. Uberaba, 2020.

REIS, Maria Izabel Alves dos. **O ADOECIMENTO DOS TRABALHADORES DOCENTES NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE BELÉM-PARÁ**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2014.

ROCHA, C.C. **Adoecimento de professores/as: o processo e o contexto pós readaptação funcional**. 2017

SILVA, G.J.; ALMEIDA, A.A; LUCENA, B.T.L.; SILVA, M.F.B.L. **Sintomas vocais e causas autorreferidas em professores**. Revista CEFAC. v.18, n.1, p.158-166, 2016.

WITTER, Geraldina Porto. Professor-estresse: análise de produção científica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 7, p. 33-46, 2003.